

Zulmira Ribeiro Tavares

Como você pensa a relação entre o tempo literário e o tempo histórico?

Em sentido amplo tal relação se acha presente em qualquer obra, de maneira menos ou mais nítida, conforme as informações e/ou noções que o escritor deles tenha. Não importa se muito fragmentada, “precisa” e/ou tendendo ao mito. Tampouco importa se muito, ou pouco consciente. Naturalmente a relação se entrelaça ao tempo do próprio autor, digo, ao tempo de sua pequena, particular história, e que constitui parte do modo com que se organiza a forma literária. Já em sentido estrito pode “o tempo histórico” ser, de muitos modos, a figura base da própria obra. Em *A vida de Galileu*, peça teatral de Brecht, por exemplo, sua presença como matéria literária tira parte de sua força, assim julgo, da leitura feita pelo autor, *a partir de seu próprio presente* (escrita e reescrita de 1937 a 1955), sobre o período da Inquisição tratado. De como Galileu com sua extraordinária vida – de afirmação do conhecimento, de posterior negação do conhecimento, de persistência ainda assim no que *sabe* ser o conhecimento – é apresentado a partir do fluxo do tempo histórico condensado, confirmado e iluminado por um olhar posterior.

Quais procedimentos sua obra adota diante de um mundo em que predominam a ação econômica e a espetacularização da arte?

Nenhum procedimento em especial, pois não escrevo, enquanto autora de ficção, em função de tais questões, ou nelas pensando. O que não quer dizer que os temas mencionados não possam estar presentes em algum trabalho meu como motivo, ou como resultado do meio em que vivo. A respeito, teria a dizer sobre as questões tratadas que a predominância do econômico na existência é irreversível, (e cada vez mais ampla, sustentada por uma mídia sempre ampliada pela informática), o que, em consequência, não permitiria retroceder na prática da vida em sociedade a um universo de trocas com

pouca intermediação. Tampouco supor que por meio delas os conteúdos veiculados (no caso obras literárias) chegassem ao destinatário por meio de uma participação econômica frágil e limpinhos de espetacularização, como vem formulado na pergunta. O que, sem dúvida, pode resultar em uma transmissão distorcida, entendido o termo “espetacularização” apenas em sua acepção predominante, negativa, como algo espetaculoso (pomposo, excessivo etc). Pode resultar sim, mas não necessariamente.

Qual reflexão sua obra produz sobre a tradição literária brasileira?

Sinceramente, naquilo que já escrevi não percebo qualquer reflexão a respeito. Influências, devo tê-las sofrido e muito, porém mescladas a falas, escritas e fatos não literários.

Como você pensa a forma literária?

Sem modelo de origem. Tenho-a como figuração da própria atividade literária à medida que esta prossegue. Em suma, por meio de uma reciprocidade muito rica. O que ocorre pelo fato de sua matéria ir ganhando consistência por meio da ampla gama de variações que a existência oferece como linguagem. Vale dizer, pela forte presença da intersubjetividade em um projeto singular. O que não exclui de início alguma figura base, ou tema, como exemplifiquei com a peça sobre Galileu.

Zulmira Ribeiro Tavares (1930) publicou *Termos de comparação* (Perspectiva, 1974), *O japonês dos olhos redondos* (Paz e Terra, 1982), *O nome do bispo* (Brasiliense, 1985), *O mandril* (Brasiliense, 1988), *Jóias de família* (Brasiliense, 1990), *Café pequeno* (Companhia das Letras, 1995), *Cortejo em abril* (Companhia das Letras, 1998), entre outros.